

**“ABRINDO A CABEÇA” POR MEIO DE UMA ANÁLISE SEMÂNTICO –
ENUNCIATIVA DE TEXTO, COM GUIMARÃES E MACHADO**

**"OPENING THE MIND" THROUGH A SEMANTIC-ENUNCIATIVE
ANALYSIS OF THE TEXT, WITH GUIMARÃES AND MACHADO**

Verônica Palmiro da Silva e Lima¹
Elisandra Benedita Szubris²

Data de recebimento do texto: 18/07/2024

Data de aceite: 10/08/2024

Resumo: Este artigo tem como objetivo a análise de um texto específico, considerando o seu funcionamento enunciativo, por meio de procedimentos estabelecidos na Semântica da Enunciação, de Eduardo Guimarães (2018,2023). Nessa construção teórica, o texto é tomado como uma unidade complexa de significação integrada por enunciados, em que os sentidos são produzidos na enunciação em um acontecimento de linguagem. Seguindo por esse viés, apresentaremos análises de um enunciado inscrito em um *totem* exposto no Salão Carioca do Livro (LER) – Festival do leitor, que aconteceu em maio de 2022, no Rio de Janeiro. A descrição e análise semântica será mobilizada pelos conceitos de *cena enunciativa, articulação e reescrituração, predicação, argumentação e designação*.

Palavras-Chave: Semântica. Semântica do acontecimento. Análise semântica. Enunciação. Cena enunciativa.

Abstract: This article aims to analyze text, considering its enunciative functioning, through specific procedures established in the Semantics of Enunciation, by Eduardo Guimarães (2018, 2023). In this theoretical construction, the text is taken as a complex unit of meaning integrated by utterances, in which meanings are produced in enunciation in a language event. Following this bias, we will present analyses of an utterance inscribed in a totem exhibited at the Salão Carioca do Livro (LER) – Reader's Festival, which took place in May 2022, in Rio de Janeiro. The description and semantic analysis will be mobilized by the concepts of enunciative scene, articulation and rewriting, predication, argumentation and designation.

Keywords: Semantics. Semantics of the event. Semantic analysis. Enunciation. Enunciative scene.

¹ Doutoranda em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

² Doutora em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

1 Introdução

“A semântica é a disciplina científica que estuda a significação da linguagem” (GUIMARÃES, 2018, p.13). A significação é o que se apresenta por aquilo que se diz. Trata-se de considerar o que se diz. Dessa maneira, a significação é produzida pela enunciação. Já a enunciação diz respeito a algo que ocorre quando se diz algo. Trata-se de um acontecimento, o acontecimento do dizer. A enunciação é um acontecimento que produz sentido. Ou seja, o sentido se produz pela enunciação, pelo acontecimento de funcionamento da língua. E a semântica, enquanto semântica da enunciação, é a disciplina que analisa os sentidos dos enunciados enquanto enunciados que integram textos nos acontecimentos que os produzem.

“O enunciado é a unidade de linguagem que apresenta, no seu funcionamento, uma consistência interna, aliada a uma independência relativa ao texto em que está”. (GUIMARÃES, 2018, p.15). Esta unidade de linguagem é considerada como a unidade de análise, devendo ser observada a partir do seu funcionamento enquanto integrados aos textos em que se apresenta. O modo de se dar tal integração é o que constitui o sentido dos enunciados e das expressões linguísticas que o integram. Esta posição metodológica corresponde à posição teórica, daquilo que Guimarães tem chamado de semântica do acontecimento, enquanto uma Semântica da Enunciação.

O Prof. Dr. Eduardo Guimarães vem se dedicando, desde 2002, à fundamentação e ao desenvolvimento das bases teórico-metodológicas da Semântica da enunciação. Publicou livros que constituem uma sequência de fundamentos que constituem o ordenamento teórico-metodológico da semântica da enunciação, a apresentação dos procedimentos descritivo-analíticos e as análises sobre os funcionamentos enunciativos.

Partindo desse ponto de vista, este artigo tem como objetivo analisar um recorte de texto, por modos particulares que se instituem pelo lugar teórico aqui assumido, o lugar da semântica do acontecimento, vislumbrando uma análise enunciativa de texto. Trata-se de uma posição que busca apresentar procedimentos de análise específicos, demonstrando os seus modos de relação e como esses modos possibilitam considerar o funcionamento de expressões na(s) línguas(s) quando são enunciadas.

Para isso, tomaremos, num primeiro momento, como procedimento de trabalho, a *sondagem*. A sondagem: Ela se caracteriza por um momento pré-analítico, em que se busca

encontrar um enunciado em um recorte do acontecimento da enunciação, que deve ser explorado, de modo que o semanticista localize um conjunto de aspectos que podem ser tomados para as análises. Guimarães (2023) apresenta a noção de recorte, como essencial para o seu método. Nesse direcionamento, o recorte é caracterizado como “um fragmento do acontecimento da enunciação, em que podemos correlacionar a linguagem-e-situação” (GUIMARÃES, 2023, p.119).

Um aspecto importante nessa metodologia da sondagem, é que ela permite tomar enunciados existentes³, sem que haja a necessidade da constituição de um *corpus* robusto. Nesse caso, o que interessa para a análise não é a quantidade de recortes, mas ter enunciado(s) que permitam olhar para as especificidades e focalizar nos elementos que pretende se analisar. No exemplo que analisaremos, neste artigo, veremos como em um mesmo recorte as possibilidades de análise podem ser múltiplas.

Dessa maneira, após a sondagem, tomaremos para análise um recorte encontrado em uma rede social, mas originalmente exposto em um *totem* de um festival de livros, com dizeres que atravessavam caminhos de quem despretensiosamente passava por ali, argumentando, ironizando e divertindo seu público. Esse recorte foi escolhido porque, através do jogo de palavras utilizado, ele ilustra precisamente a mobilização dos sentidos que os enunciados produzem no acontecimento enunciativo.

Para a organização desse artigo, optamos por trazer as noções da Semântica da Enunciação, de Eduardo Guimarães (2018), articulado às análises correspondentes, de modo que teoria e prática possam ser visualizadas em concomitância.

Inicialmente, apresentaremos a noção teórica de acontecimento da enunciação e o conceito metodológico da cena enunciativa. A seguir, analisaremos o modo de configuração da cena enunciativa do recorte escolhido, observando como a divisão das figuras enunciativas da cena apresenta uma relação de *alocução*. Finalmente, aplicaremos os procedimentos de análise, por meio das noções descritivas/analíticas: articulação, reescrituração, predicação, argumentação e designação, conforme os procedimentos teórico-metodológicos estabelecidos pela teoria. Observe que a sondagem permite determinar inclusive quais dispositivos teóricos/analíticos poderão ser mobilizados numa análise.

³ Dado o aspecto da temporalidade do acontecimento, não como tempo cronológico, marcado no tempo, exclui-se a possibilidade de trabalho com enunciados elaborados/criados pelo próprio analista.

2 A apresentação do recorte

Abaixo, podemos vislumbrar o recorte selecionado:

Figura 1 - Totem no Festival do livro LER



Fonte: Instagram, 2022.

Na figura 1, observamos um corredor todo iluminado, com algumas pessoas que transitam livremente, de maneira calma, despreocupada e descontraída. Algumas pessoas, aparentemente, conversam entre si. Observamos também um *totem* que contém os dizeres do recorte escolhido para nossa análise, escrito entre aspas, com o autor da frase especificado ao final. Logo abaixo ao enunciado, enxergamos também uma logomarca de um festival de livros: LER: O festival do leitor.

O Salão Carioca do Livro (LER) – Festival do leitor, aconteceu entre 09 e 15 de maio de 2022, no Pier Mauá, Zona Portuária do Rio, depois de dois anos paralisado por conta da pandemia. O evento teve como objetivo formar leitores por meio de experiências pelo universo dos livros e da literatura, e contou com a presença de cerca de 200 mil pessoas do início até o término do festival. O evento contou com as presenças de Valter Hugo Mãe, Zélia Duncan, Luiz Antônio Simas, Thalita Rebouças, Eduardo Bueno, José Eduardo Agualusa, Eliana Alves Cruz, Elisa Lucinda e outros nomes de peso e contribuição para cultura e educação. Exposições como a do centenário da escritora Clarice Lispector, José Saramago e O Mundo Mágico das Capas de Harry Potter foram algumas das várias atrações do evento. O “LER” também contou com atrações interativas, como um jogo de perguntas sobre literatura, videogames, filmes e universo pop (BAND, 2022).

Extraímos da figura 1, o nosso recorte de análise constituído pelo seguinte enunciado – R1: **“Há duas maneiras de abrir a cabeça de uma pessoa: Ler um bom livro ou usar um machado. Recomendo o de Assis.”**

A partir desse enunciado, seguiremos o ordenamento teórico que nos diz que a descrição e a análise de sentidos dos enunciados, nossa unidade de análise, deve ser capaz de demonstrar como as relações entre os elementos linguísticos dos enunciados os apresentam enquanto integrados ao texto e como os sentidos são produzidos nessa/por essa relação de integração.

3 Conceitos iniciais

3.1 O acontecimento da enunciação e o espaço de enunciação

Guimarães (2018, p. 37) define “o acontecimento como o que faz diferença na sua própria ordem”. O acontecimento da enunciação se apresenta como um acontecimento de linguagem, sendo que a enunciação diz respeito a algo que ocorre quando se diz algo, trata-se de um acontecimento, o acontecimento do dizer. Logo, podemos compreender que a enunciação pode ser vista como o acontecimento em que o texto é enunciado. Acontecimento que se dá pelo funcionamento da língua, a partir de sistematizações particulares.

Desse modo, a semântica do acontecimento se afasta de posições pragmáticas, formalistas, internacionalistas etc., mas também se distancia do ponto de vista de Benveniste⁴, sobre o que é a enunciação, “mesmo que sua posição seja decisiva para a semântica da enunciação”. (GUIMARÃES, 2023, p. 118).

Assim, a enunciação é um acontecimento que produz sentido. Ou seja, o sentido se produz pela enunciação, pelo acontecimento de funcionamento da língua. E este acontecimento se apresenta como se dando pela existência de uma língua, por que há falantes que são tomados enquanto falantes pela relação com tal língua. Porém, o falante não é uma pessoa física, é um lugar de enunciação/um ser de linguagem determinado pela relação com a língua, no que chamamos espaço de enunciação. A enunciação é o

⁴ Para Guimarães (2005, p. 11), uma distinção essencial está na definição de enunciação apresentada por Benveniste (2006), para quem a enunciação “é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. De modo distinto, para o autor, a enunciação se dá enquanto acontecimento de linguagem, que se faz pelo funcionamento da língua.

acontecimento de funcionamento da língua num espaço de enunciação. (GUIMARÃES, 2018, p. 22).

Após definir o acontecimento da enunciação, Guimarães (p.23) apresenta uma noção metodológica decisiva para a análise semântica: o *espaço de enunciação*. Esta noção diz respeito não ao espaço físico, nas relações de contato de línguas, mas a um espaço de relações de línguas no qual elas funcionam na sua relação com falantes. A língua não é algo abstrato, é algo histórico, se apresenta na prática humana, por relações que fundamentam o funcionamento desta prática cuja característica é a de produzir significações. O espaço de enunciação é, então, um espaço político do funcionamento das línguas (GUIMARÃES, 2018, p. 24). Dessa forma, o falante é constituído pelas línguas do espaço de enunciação e é assim uma figura linguística.

O acontecimento da enunciação agencia o falante a dizer enquanto um lugar de enunciação, como lugar que enuncia. Quando se enuncia fica significado não simplesmente aquilo que se apresenta no momento específico em que se diz. Isso ocorre porque o acontecimento da enunciação constitui, a cada vez, sua temporalidade significativa: um passado, um presente e um futuro de sentidos. Guimarães (2018, p. 41) denomina esse passado de memorável e essa projeção de enunciações futuras de futuridade.

A temporalidade do acontecimento constitui o seu presente e um depois que abre o lugar dos sentidos, e um passado que não é lembrança ou recordação pessoal de fatos anteriores (GUIMARÃES, 2017, p. 16-17). Nesse sentido, o passado é, no acontecimento, rememoração de enunciações, ou seja, se dá como parte de uma nova temporalização, tal como a latência de futuro. Não é o sujeito que temporaliza, é o acontecimento. O falante não é assim a origem do tempo da linguagem. O falante é tomado na temporalidade do acontecimento. Essa temporalidade se configura por um presente que abre em si uma latência de futuro (futuridade), sem a qual não há acontecimento de linguagem, sem a qual nada é significado, pois sem ela (a latência de futuro) nada há aí de projeção, de interpretável. O acontecimento tem como seu um depois incontornável e próprio do dizer. Todo acontecimento de linguagem significa porque projeta em si mesmo um futuro (GUIMARÃES, 2005).

É nesta medida que o acontecimento é diferença na sua própria ordem: o acontecimento é sempre uma nova temporalização, um novo espaço de conviviabilidade de tempos, sem a qual não há sentido, não há acontecimento de linguagem, não há enunciação (GUIMARÃES, 2005).

3.2 A cena enunciativa

Segundo Guimarães (2005, p. 23): "Uma cena enunciativa se caracteriza por constituir modos específicos de acesso à palavra dadas as relações entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas". A cena enunciativa foi elaborada pelo autor para descrever como as figuras de enunciação se relacionam com as formas linguísticas. E como essa relação faz os sentidos serem mobilizados. Nessa medida, as cenas enunciativas "são especificações locais nos espaços de enunciação" e são um espaço particularizado de agenciamento do falante em locutor que distribui os lugares de enunciação no acontecimento (GUIMARÃES, 2023, p. 124).

O acontecimento de enunciação, pelo agenciamento do falante a dizer, estabelece as cenas enunciativas por uma divisão dos lugares de enunciação. Segundo Guimarães (2018, p.50):

Esta divisão se apresenta no acontecimento como uma "projeção" da relação línguas – falantes do espaço de enunciação. De um lado, pelo agenciamento das sistematicidades linguísticas, constitui o Locutor, aquele que diz, de outra parte essa divisão constitui, pelo agenciamento das condições histórico- sociais dos falantes, lugares sociais de dizer (os alocutores) que são distribuídos também desigualmente. O que aqui caracterizamos como uma desigualdade instala no centro do funcionamento da linguagem o político, um conflito que o constitui. Este conflito é próprio tanto do espaço de enunciação, quanto do acontecimento da enunciação, que constitui as cenas enunciativas.

Os falantes enquanto constituídos pelas relações dos espaços de enunciação, são agenciados a dizer, a enunciar. Este agenciamento constitui a cena enunciativa. O agenciamento próprio da cena enunciativa constitui as relações entre quem diz e para quem se diz, e quem diz e o que se diz. O que configura os lugares de Locutor e Locutário (L e LT); alocutor e alocutário (al – x e at-x) e Enunciador (E), cuja relação é com o que se fala e como. (GUIMARÃES, 2023, p. 124).

Ao agenciar o Locutor, o acontecimento constitui tanto o Locutor (L) quanto seu Locutário (LT). O Locutário é o correlato do Locutor. O Locutor apresenta assim aquele que diz como um eu que fala a um tu. O funcionamento da língua no espaço de enunciação se apresenta como uma alocação de L para LT, como uma cena enunciativa. (GUIMARÃES, 2018, p. 55). O falante, ao ser agenciado, se divide em Locutor e alocutor. O alocutário é aquele para quem o alocutor diz o que se diz numa alocação.

O lugar de dizer é o que chamamos de enunciador. O Locutor (L), ao ser agenciado, institui um Locutário (LT). L é o lugar que diz (eu) para alguém (tu); o alocutor (al-x) ao ser agenciado, institui um alocutário (at-x) (al-x é o lugar social de dizer que se apresenta para um at-x, o lugar social para o qual um certo al-x diz); o enunciador, o lugar de dizer, que se apresenta como que diz de um lugar coletivo, individual, universal ou genérico. O enunciador não projeta um tu, é um modo do eu se apresentar na sua relação com o que se diz (o que se diz por quem diz). O enunciador é um lugar que se relaciona com o que se diz no acontecimento. Tem-se assim na cena enunciativa um lugar de dizer cuja relação é com o modo como se diz e o que se diz. Há, neste caso, uma relação entre um lugar de *eu* (o lugar de dizer, o enunciador) e o domínio das designações e referências. (GUIMARÃES, 2018, p. 62).

Vejam os como se constitui a cena enunciativa do enunciado recortado para nossas análises:

R1 - “Há duas maneiras de abrir a cabeça de uma pessoa: Ler um bom livro ou usar um machado. Recomendo o de Assis.”

No trecho em análise, o Locutor se representa como lugar de dizer e produz uma alocação para um Locutário (o tu). O Locutário é sempre o correlato do Locutor. Nesse sentido, a partir do momento em que o enunciado é exposto no festival do leitor ou, ainda, a sua imagem é divulgada por meio de uma foto nas redes sociais, a cena passa a constituir os alocutários como alocutários-leitores. O alocutor do enunciado assume o lugar social de dizer de um alocutor-escritor, podendo se dividir, ainda, em um alocutor-conselheiro ou alocutor - leitor assíduo, visto que enuncia de uma posição que permite produzir uma posição sobre a enunciação: “ler um bom livro”, entre eles os livros de Machado de Assis. Já o alocutário (tu) passa a ser um leitor que transita pelo local onde o enunciado se apresenta, ou seja, transeuntes da feira de livros e internautas que acessam a este post, que, ao participarem da alocação na cena enunciativa, podem ser designados como alocutários – leitores.

Como vimos, o acontecimento ao agenciar o falante a falar, este, enquanto agenciado a enunciar, se divide em lugar que diz (Locutor), lugar social de dizer (alocutor), e lugar de dizer (enunciador) (GUIMARÃES, 2018, p. 63).

Observamos que, na primeira parte do enunciado: “Há duas maneiras de abrir a cabeça de uma pessoa: Ler um bom livro ou usar um machado [...]”, encontramos um enunciador que se apresenta como um lugar que garante para todos os sentidos de [Todos

sabem que uma boa leitura pode abrir a cabeça], ou, [é do conhecimento de todos que um machado pode abrir a cabeça de alguém]. Nesse caso, há um enunciador caracterizado como um enunciador-genérico.

Porém, na segunda parte do enunciado, há uma intervenção de um segundo enunciador, ao dizer: “*Recomendo o de Assis*”, aqui vemos que há um deslocamento do lugar de dizer genérico que diz [todos sabem que há maneiras de abrir a cabeça] para o lugar da avaliação individual (identificada no verbo recomendo – conjugado para um *eu*). Portanto, movimenta-se o lugar de dizer de um enunciador - genérico para um enunciador - individual, que também é um lugar de dizer da conclusão.

Assim, temos o dizer de um alocutor – escritor que se apresenta de um lugar de enunciador genérico, de forma que, na segunda parte do enunciado, o alocutor –escritor recomenda ao seu alocutário – leitor a leitura de livros do autor Machado de Assis, para adquirir pensamentos livres e abertos, adquirir uma mente aberta, corroborando com o enunciador - genérico de que ler um bom livro é uma maneira de abrir a cabeça de uma pessoa.

Desse modo, observamos que, “quando se enuncia fica significado não simplesmente aquilo que se apresenta no momento específico em que se diz” (GUIMARÃES, 2018, p. 40). No caso do texto em análise, a enunciação constitui uma temporalidade de sentidos com o passado, presente e futuro. Recordemos a parte final do enunciado: “*Recomendo o de Assis.*” Nesse ponto, é tomado na temporalidade dessa enunciação um memorável de acontecimento fundamental para a sua significação: o reconhecimento passado de que Machado de Assis foi um escritor brasileiro, um dos nomes mais importantes da literatura brasileira do século XIX, que se destacou, principalmente, no romance e no conto, embora tenha escrito crônicas, poesias, crítica literária e peças de teatro. Joaquim Maria Machado de Assis também foi jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo, nasceu no Rio de Janeiro - RJ, em 21 de junho de 1839, e faleceu também no Rio de Janeiro, em 29 de setembro de 1908. É o fundador da cadeira nº. 23 da Academia Brasileira de Letras⁵.

Em resumo, no recorte tomado para essa sondagem, podemos dizer que a figura do alocutor-x se posiciona do lugar social de dizer algo, em uma relação de hierarquia. Trata-

⁵ Disponível em: < wikipedia.org> Acesso em:13/02/2024.

se um falante agenciado politicamente, que ao falar sustenta uma posição a respeito do comportamento intelectual dos leitores.

4 Análise de texto

Guimarães (2018, p. 75) assinala que “os enunciados significam por uma relação de integração aos textos. Essa relação de integração se configura por dois modos de relação fundamentais: o de articulação e o de reescrituração”.

As relações de articulação e reescrituração funcionam na organização dos enunciados a partir dos lugares de enunciação, assim como vimos na seção anterior, pela distribuição das figuras enunciativas da cena. A partir de agora, veremos como essas relações fundamentais se apresentam em nosso recorte.

4.1 A Articulação

“Uma articulação é uma relação de contiguidade significada pela enunciação” (GUIMARÃES, 2009, p. 51). A articulação é um modo de relação enunciativa que dá sentido às contiguidades linguísticas, é, então, uma relação local entre elementos linguísticos que significam pela relação com os lugares de enunciação agenciados pelo acontecimento. São articulações relações como predicação, complementação e caracterização (GUIMARÃES, 2018, p. 80).

Na organização dos enunciados, funcionam relações gerais específicas que podemos considerar em três modos diferentes: *dependência*, *coordenação* e *incidência*. A articulação por dependência se dá quando os elementos contíguos se organizam por uma relação que constitui, no conjunto, um só elemento. A articulação de coordenação é aquela que toma elementos de mesma natureza e os organiza como se fossem um só da mesma natureza, em um processo de acúmulo de elementos, numa relação de contiguidade. A incidência é a relação que se dá entre um elemento externo a outro que, ao se articular com ele, forma um elemento do segundo tipo (GUIMARÃES, 2018, p. 81).

Logo, vamos visualizar nas práticas essas relações de articulações, para isso, voltemos ao nosso recorte – R1, no enunciado: “**Há duas maneiras de abrir a cabeça de uma pessoa: Ler um bom livro ou usar um machado. Recomendo o de Assis.**”

A palavra *maneiras* se articula com a expressão *de abrir a cabeça*, por dependência e caracterização, assim como a palavra *cabeça* se articula com a expressão de *uma pessoa*, por dependência e caracterização. Ou seja, *as maneiras*, referidas nesse enunciado, são especificamente como *maneiras de abrir a cabeça*, não se atribui aqui um sentido de maneiras de comer ou maneiras de se sentar... Assim como o termo *cabeça*, nesse enunciado, assume um sentido que se restringe à cabeça de pessoa, excluindo as possibilidades de ser cabeça de animal, cabeça de alho... Essa relação é uma articulação por dependência e caracterização.

E ainda: “Há duas maneiras” é um enunciado e “abrir a cabeça” é outro enunciado, e “de uma pessoa” é outro enunciado. Nesta contiguidade estes enunciados se articulam por dependência formando um único enunciado. Por outro lado, “ler um bom livro” é um enunciado e “usar um machado” é outro enunciado que se articulam por dependência e formam um enunciado. Assim, há duas maneiras de abrir a cabeça de alguém e ler um bom livro ou usar um machado se articulam por coordenação. Veja que podemos parafrasear: LER UM BOM LIVRO OU USAR UM MACHADO SÃO DUAS MANEIRAS DE ABRIR A CABEÇA DE UMA PESSOA. Nesta direção, o segundo enunciado especifica as maneiras que existem de abrir a cabeça de alguém.

Logo, as expressões *Ler um bom livro* e *usar um machado* se articulam com *duas maneiras de abrir a cabeça* e entre si por coordenação. Existe uma relação de coordenação por enumeração, em que o acontecimento especifica uma operação pela qual o Locutor relaciona elementos do enunciado: (Elemento 1 - ler um bom livro; Elemento 2 – usar um machado). Já o enunciado *Recomendo o de Assis* se articula com *usar um machado*, por incidência. Nessa relação a expressão *de Assis* é um elemento externo que, ao se articular com *machado*, forma um elemento do segundo tipo, pois amplia o sentido de machado objeto/ferramenta para nome próprio Machado de Assis. Na articulação por incidência, o acontecimento especifica uma operação pela qual a enunciação de um lugar de Locutor se relaciona à enunciação de lugares de dizer (enunciadores) diferentes.

4.2 Reescrituração

A reescrituração é o modo de relação pelo qual a enunciação rediz o que já foi dito. O elemento que reescritura atribui (predica) sentido ao reescriturado. Pode ser por *repetição, substituição, elipse, expansão e condensação* (GUIMARÃES, 2018, p. 85).

No recorte em análise, “*Ler um bom livro ou usar um machado*” reescritura “*duas maneiras de abrir a cabeça de uma pessoa*” por expansão em enumeração. Já no enunciado *Recomendo o de Assis*, há uma substituição por elipse em *Recomendo* [o machado] de Assis. A expressão *o de Assis* reescritura *machado* por substituição em especificação, já que o termo machado aqui não significa mais o objeto metálico utilizado para cortes, mas o Machado nome próprio de um escritor brasileiro renomado.

Finalmente, o processo de reescrituração liga pontos de um texto com outros do mesmo texto, e mesmo pontos de um texto com pontos de outro texto. Este processo, ao se dar, produz sentido na medida em que ao retomar alguma expressão faz que ela signifique de outro modo. E o modo pelo qual o sentido se produz por estes modos de relação são variados (GUIMARÃES, 2018, p. 93).

Não podemos deixar de tocar na questão do funcionamento da metáfora, mesmo que não seja o objetivo do nosso trabalho, neste momento, mas como vimos as expressões *abrir a cabeça* e *usar um machado*, enquanto metáforas, designam algo por meio das expressões que a reescreveram.

4.3 Argumentação

A argumentação é elemento do processo de significação e é produzida pelo acontecimento de enunciação (GUIMARÃES, 2018, p. 95). A argumentação é a sustentação que um *eu* faz a um *tu* relativamente a algo sobre o que se fala (GUIMARÃES, 2018, p. 97). A argumentação ocorre quando algo que se diz demonstra, prova ou garante o que se pode concluir a partir de fatos apresentados por uma enunciação (GUIMARÃES, 2018, p. 96).

No recorte em análise, o enunciado “*Há duas maneiras de abrir a cabeça de uma pessoa: Ler um bom livro ou usar um machado*” argumenta o motivo por que o alocutor – escritor recomenda a leitura de livros do autor Machado de Assis em *Recomendo o de Assis*. Essa relação de argumentação fica mais visível se parafrasearmos esse enunciado em:

R1’ – Eu recomendo leituras dos livros de Machado de Assis

R1” – (porque) Ler um bom livro é uma maneira de abrir a cabeça

Dessa forma, o enunciado da sequência R1” é apresentado como modo de sustentar o que se diz no enunciado R1’, existindo, assim, uma relação de argumentação nesse enunciado.

Se olharmos para a cena enunciativa, ao lembrarmos que, no recorte em análise, existe um deslocamento de lugar de dizer, com a movimentação de um enunciador-genérico identificado em *Há duas maneiras de abrir a cabeça de uma pessoa: Ler um bom livro ou usar um machado* para um enunciador individual identificado através da conjugação do verbo recomendar em primeira pessoa do singular em *Recomendo o de Assis*, podemos considerar que o enunciador-individual alude o enunciador-genérico. Ou seja, a objetividade da relação do lugar de dizer universal é atraída pelo dizer do alocutor, significando assim uma relação de argumentação.

Dessa forma, a argumentação se caracteriza como uma relação produzida pelo agenciamento do alocutor -x e pela configuração que ele produz de seu alocutário -x relativamente à sustentação do que se enuncia. Isto significa que a argumentação é significação produzida pela enunciação (GUIMARÃES, 2018, p. 108).

A argumentação é, assim, o modo como, na cena enunciativa, o lugar social de alocutor apresenta e sustenta sua posição a propósito de algo, não enquanto algo referido, mas significado. Nesta medida, a argumentação significa o agenciamento que constitui o alocutor -x, na medida em que o alocutor sustenta o que sustenta (GUIMARÃES, 2018, p. 107).

4.4 A Predicação

Todo enunciado tem um sujeito que refere a algo e um predicado que refere a algo (GUIMARÃES, 2018, p. 137). Sujeito e predicado são elementos que se equiparam quanto ao nível em que estão, nenhum se subordina ao outro, e não estão coordenados, os dois elementos constituem uma unidade sintático – semântica, a do enunciado. (GUIMARÃES, 2018, p. 140). Sujeito e predicado são semelhantes, o que faz deles um enunciado. Nesta medida, o predicado não depende do sujeito nem o sujeito do predicado. Semanticamente, esta *conexão* se caracteriza por ser uma relação de *interconstituição*. Ou seja, o sentido do sujeito é constituído por sua relação com o predicado do enunciado e o sentido do predicado é constituído por sua relação com o sujeito no mesmo enunciado, ou seja, no mesmo acontecimento (GUIMARÃES, 2018, p. 140).

Se retomarmos o primeiro enunciado do nosso recorte – R1: “**Há duas maneiras de abrir a cabeça de uma pessoa: Ler um bom livro ou usar um machado.**” Podemos parafrasear:

R1’ – Ler um bom livro ou usar um machado

R1” – São duas maneiras de abrir a cabeça de uma pessoa

E então evidenciaríamos uma relação de predicação em que R1” predica R1’. Para facilitar o entendimento dessa questão, se substituíssemos R1’ pelo pronome demonstrativo *estas*, entenderíamos melhor essa relação:

R1”” – Estas

R1” – São duas maneiras de abrir a cabeça de uma pessoa

Logo, o enunciado *Ler um bom livro ou usar um machado* funciona como sujeito do predicado *duas maneiras de abrir a cabeça de uma pessoa*, estabelecendo, assim, uma independência relativa entre esses enunciados. Independência porque eles significam por si só, relativa porque adquirem novo sentido à medida que se relacionam dentro de uma predicação.

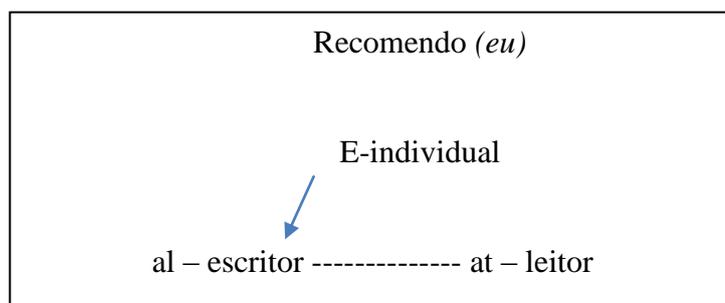
Seguindo nessa análise, já na segunda parte do enunciado R2 - “**Recomendo o de Assis.**”, por existir nesse caso um enunciador - individual, conseguiremos enxergar mais facilmente a relação sujeito – predicado, de forma que ao parafrasearmos esse enunciado:

R2’ – Eu recomendo

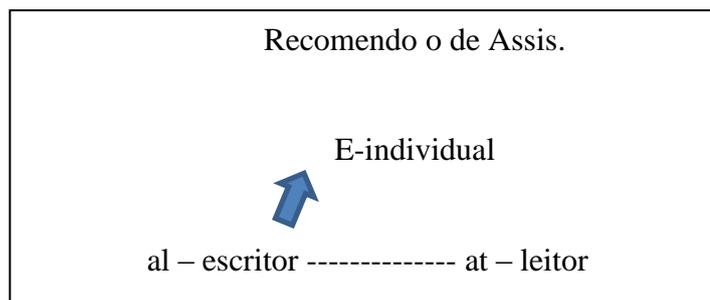
R2” – Recomendo ler livros de Machado de Assis

Entendemos que o sujeito *eu* está implícito na conjugação do verbo recomendar em primeira pessoa do singular, de forma que o enunciador de lugar de dizer individual alude ao alocutor-escritor. Já, ao tomarmos o enunciado *Recomendo o de Assis*, como predicado, temos um predicado em que o alocutor - escritor apresenta o enunciador - individual.

Podemos representar da seguinte maneira:



Fonte: Elaborado pela autora.



Fonte: Elaborado pela autora.

As relações de alusão e de apresentação acima representadas mostram que são diferentes os modos de integração ao texto do sujeito, de um lado, e do predicado, de outro. A análise semântico-enunciativa de enunciados deve levar em conta os diversos modos que são significados pela alusão e apresentação (GUIMARÃES, 2018, p. 148).

O sujeito se integra ao enunciado de modo diferente do modo de integração do predicado ao texto, pois o sujeito se integra também, de modo direto, ao texto, enquanto o predicado se integra ao texto na medida, somente, em que se integra ao enunciado. Este modo de caracterizar mostra, então, uma diferença interessante nos dois funcionamentos, que a consideração da cena enunciativa é capaz de mostrar (GUIMARÃES, 2018, p. 146).

Logo, concluímos que sujeito e predicado são semelhantes enquanto são termos justapostos constituindo uma conexão que produz um enunciado com relação predicativa. Porém, pode-se ver que o funcionamento da expressão sujeito e da expressão predicativa é diferente, aparecendo uma interessante disparidade entre o modo de se significar a enunciação do sujeito de um lado e do predicado de outro (GUIMARÃES, 2018, p. 150).

4.5 Designação

A designação de uma palavra, de um nome, é sua significação enquanto algo próprio das relações de linguagem e, por isso mesmo, enquanto uma relação simbólica exposta ao real, enquanto uma relação tomada na história. Deste modo, a designação identifica objetos (GUIMARÃES, 2018, p. 153). A designação não é, para a semântica da enunciação, sinônimo de referência ou denotação (GUIMARÃES, 2018, p. 151).

A designação é uma relação entre a linguagem e o mundo. O mundo tomado não enquanto existente, mas enquanto significado pela linguagem (GUIMARÃES, 2018, p. 154). Chegamos à designação de uma palavra ou expressão pela análise das relações das

palavras com outras no acontecimento de enunciação. E estas relações constituem o que chamamos de Domínio Semântico de Determinação (DSD) específico da palavra no texto ou textos considerados (GUIMARÃES, 2018, p. 156).

Nesta medida, o sentido de um nome (sua designação) constitui-se pelas relações do nome com outras palavras. A questão é saber o que significa uma palavra no enunciado em que é enunciada enquanto elemento de um texto. Ou dito de outro modo, é preciso tratar as palavras nas relações que suas enunciações constroem. E assim se pode observar a designação enquanto modo de significar o que aparece mostrado como existente (GUIMARÃES, 2018, p. 156).

O DSD considera as relações de atribuição de sentido que podemos encontrar entre as palavras de um texto, ou textos, com aquela que se analisa. Por isso, são importantes, especialmente, as relações de reescrituração, e como se dão as articulações em relação a isso (GUIMARÃES, 2018, p. 157).

Conforme as orientações de Guimarães, 2018(p.157) :

Para indicar as relações de determinação semântica, ou seja, de atribuição de sentido de uma expressão sobre outra, vamos usar uma escrita específica para representar esta relação de atribuição de sentido, vamos usar os sinais \dashv \vdash \top \perp . O elemento que estiver na ponta do traço determina, atribui sentido, ao elemento que estiver depois do traço que interrompe o primeiro traço. Por exemplo $x \dashv y$, x determina y , ou $y \vdash x$, x determina y . Por outro lado, o sinal $-$ significa uma relação de sinonímia e um traço contínuo _____ significa uma oposição, uma antonímia entre o elemento que estiver acima e o que estiver abaixo do traço.

Se voltarmos à nossa sondagem, no recorte R1 - “**Há duas maneiras de abrir a cabeça de uma pessoa: Ler um bom livro ou usar um machado.**”, podemos apresentar o DSD-1 a que se chegou:

DSD – 1:

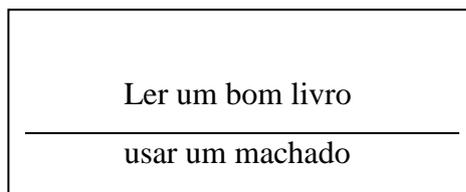
abrir a cabeça \dashv machado \vdash Assis

Fonte: Elaborado pela autora.

Como vimos acima, *abrir a cabeça* determina um sentido a *machado* de ferramenta metálica utilizado para corte. Já *Assis* determina um outro sentido a *machado*, o sentido de nome próprio, em referência ao autor e escritor Machado de Assis.

Da mesma forma que o enunciado *Ler um bom livro* está em antonímia com o enunciado *usar um machado*.

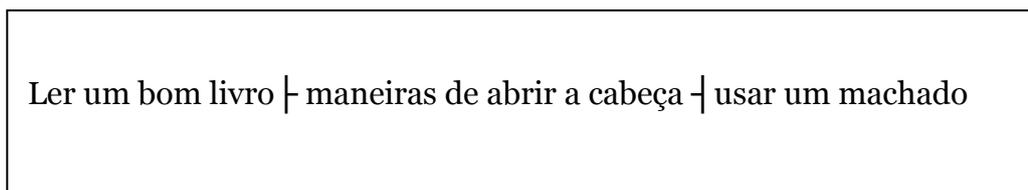
DSD – 2:



Fonte: Elaborado pela autora.

Por outro lado, observemos que o enunciado *duas maneiras de abrir a cabeça de uma pessoa* é reescriturada por expansão enumerativa (desenvolvimento) por *Ler um bom livro ou usar um machado*. Vemos que podemos parafrasear a reescrituração por: “Ler um bom livro ou usar um machado são duas maneiras de abrir a cabeça de uma pessoa”. Ou seja, no acontecimento, “*maneiras de abrir a cabeça de uma pessoa*” atribui sentido à enumeração. A enunciação estabelece, então, uma relação hiperonímica entre o termo reescriturado e a enumeração que o reescritura. Podemos considerar então:

DSD – 3:



Fonte: Elaborado pela autora.

Já no enunciado “*Recomendo o de Assis*”, o termo *o* reescritura *machado* por substituição em hiperonímia, já que o termo *machado* aqui não significa mais a ferramenta metálica utilizada para cortes, mas o Machado nome próprio de um escritor brasileiro inesquecível. Podemos, assim, inferir que *machado* determina o significado de *o*:

DSD – 4:

machado † o

Fonte: Elaborado pela autora.

Enfim, é essa pluralidade de sentidos que as palavras ou os enunciados assumem, conforme se relacionam com os elementos linguísticos do próprio enunciado, através de uma consistência interna, ou, conforme se relacionam com outros enunciados do texto a que estão inseridos, através de uma independência relativa, que nos motiva a estudar e analisar textos sob a óptica da semântica da enunciação.

5 Considerações finais

Nesse artigo, praticamos algumas das metodologias de análise da semântica da enunciação, descritas pelo Prof. Dr. Eduardo Guimarães, apresentados em sua construção teórica, mais precisamente na obra de 2018. Através da análise de um recorte desprezioso, escolhido por sondagem, conseguimos exemplificar como os sentidos dos enunciados se mobilizam conforme esses enunciados acontecem dentro do texto.

A partir dos conceitos de acontecimento da enunciação e de espaço de enunciação, que dão o tom às nossas análises, é possível observar a língua em funcionamento, na relação com os seus falantes, sendo que nesse espaço, a linguagem é o que dá condições para se falar das coisas, falar de algo, falar a alguém. Não porque sua significação seja uma relação referencial, mas porque sua significação constitui as coisas enquanto coisas significadas.

Vimos também que, por um lado, o funcionamento semântico dos enunciados os relaciona com o texto. Por outro lado, os elementos que constituem o enunciado significam em virtude de suas relações de integração no enunciado e do enunciado ao texto. Ou seja, uma palavra e uma expressão significam por estarem integradas em um enunciado, que é enunciado por integrar-se a um texto.

Na descrição da cena enunciativa, vimos que os sentidos são mobilizados pelas figuras da enunciação, que se relacionam com as formas linguísticas, não são dizeres que ocorrem de modo aleatório, mas, antes, são dizeres possíveis pelo agenciamento do falante

que distribui os lugares de enunciação no acontecimento, ou seja, que dá o acesso à palavra. Em seguida, observamos que uma mesma sequência pode ter uma coexistência de elementos que faz significar duas coisas, uma relação de articulação e de reescrituração, e isso está aceito e definido por Guimarães, em sua obra de 2018. Pela análise da argumentação, conclui-se que o seu sentido do enunciado não é a busca da persuasão ou do convencimento, ou a garantia de que o público irá atender uma recomendação, mas é o da sustentação de uma posição sobre algo que a enunciação significa, ou seja, a argumentação interessa a semântica da enunciação por ser um modo de significar o dizer, por meio de uma diretividade conclusiva. Nas relações de predicação, observamos uma relação interessante de disparidade que a enunciação faz ao significar o sujeito e o predicado. Por fim, na análise da designação, foi fundamental observar como a designação dos nomes se constitui pela relação dos nomes com outras palavras, no acontecimento enunciativo.

Portanto, os procedimentos apresentados, neste artigo, tiveram como objetivo demonstrar que a análise de texto interessa à semântica da enunciação, não na medida de construir uma teoria sobre texto, mas demonstrar que há funcionamentos específicos que fazem o texto significar.

Assim, o escritor Dilson de Oliveira Nunes, quando escreveu o texto tomado por nós como recorte para essa análise semântico – enunciativa, pode tê-lo produzido para a leitura e interpretação de meros leitores do cotidiano, mas o nosso olhar como especialistas da semântica nos fez enxergar outras relações, de modo que concordamos com Guimarães (2011, p. 7), quando diz que sempre temos algo a aprender com os textos.

Parafraçando o nosso recorte, dizemos, então, que *a melhor maneira de abrir a cabeça é ler um bom livro. Recomendamos o de Eduardo Guimarães.*

6 Referências

BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da Enunciação. In:_____. **Problemas de linguística geral II**. 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006. p.81.

GUIMARÃES, Eduardo. A enumeração funcionamento enunciativo e sentido. Caderno de Estudos Linguísticos, Campinas, 51(1): 49-68, Jan./Jun. 2009.

GUIMARÃES, Eduardo. **Análise de texto: procedimentos, análises, ensino.** Campinas, SP: Editora RG, 2011.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do acontecimento.** 2ª. ed. Campinas - SP: Pontes Editores, 2005.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação.** 4ª. ed. Campinas - SP: Pontes Editores, 2017.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica: enunciação e sentido.** Campinas - SP: Pontes Editores, 2018.

GUIMARÃES, Eduardo. Sobre a teoria e método em semântica da enunciação. Línguas e instrumentos linguísticos, Campinas – SP, v. 26, n. 51, p. 116-134, jan/jul., 2023.

[Festival do Leitor volta ao Pier Mauá depois de dois anos | Band \(uol.com.br\)](https://www.band.uol.com.br/rio-de-janeiro/noticias/festival-do-leitor-volta-ao-pier-maua-depois-de-dois-anos-16510753)

Disponível em: <https://www.band.uol.com.br/rio-de-janeiro/noticias/festival-do-leitor-volta-ao-pier-maua-depois-de-dois-anos-16510753>.

O conteúdo deste texto é de responsabilidade de seus autores.